

Envelhecimento, gênero e sexualidade: modos de pesquisar, modos de subjetivar

Resumo: O presente artigo revisa e analisa parte da bibliografia que articula envelhecimento, velhice e gênero, e de forma mais ampla, inclui em suas análises estudos sobre modos de subjetivação e velhice. A metodologia utilizada foi o levantamento de artigos nas plataformas Scielo e Portal de Periódicos Capes, a partir das palavras-chave “envelhecimento, gênero” e “velhice, gênero”, organização dos artigos localizados em categorias, e em seguida a leitura e análise crítica dos mesmos. Entre as evidências encontradas destacamos artigos que utilizam gênero como categoria de análise das tramas do envelhecimento e que apontam caminhos para o desenvolvimento de perspectivas biopolíticas e interseccionais. Esses estudos, a partir do entrelaçamento dos marcadores de geração, aqui em específico a fase idosa, e performatividades de gênero engendradas nos/com/pelos sujeitos, indicam que os modos de pesquisar o envelhecimento configuram-se como modos de subjetivação, produzindo certos significados e sentidos sobre o corpo, em especial idoso.

Palavras-chave: envelhecimento; gênero; sexualidade; subjetivação.

Daniel Vieira Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
danielvieirasilvaa@gmail.com

Fernando Altair Pocahy

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
fernando.pocahy@gmail.com

Rotas analíticas sobre envelhecimento e gênero

Nas últimas décadas, parcela significativa da população mundial vem apresentando amplo processo de envelhecimento, para além das já estabelecidas marcas de longevidade em países (ditos) desenvolvidos. O Brasil, em especial, tem visto sua população de pessoas idosas aumentar exponencialmente, e isso passou a demandar novos estudos e políticas efetivas sobre o fenômeno. Paralelamente, acompanhamos interesses acerca dos marcadores que (re)posicionam sujeitos na experiência da velhice, de modo que o conceito de gênero passa, nas últimas duas décadas, a ocupar cada vez mais espaço no campo acadêmico e de intervenção social. Com isso, observamos impacto sobre estudos e análises em diferentes campos, acompanhados igualmente de importantes debates sobre desenvolvimento econômico e social, em contexto globalizado.

Apontando a congruência dos momentos históricos em que esses dois temas, gênero e velhice, passaram a fazer parte cada vez mais das preocupações na universidade e nas políticas públicas, o levantamento realizado demonstra que somente a partir do fim da década de 1990 é que começam a surgir estudos que relacionam envelhecimento e gênero. (DEBERT; DOLL, 2005) Ainda que a palavra gênero passe a estar mais presente nos estudos e pesquisas

nas últimas três décadas, parte significativa dos casos representa apenas outra forma de se referir à divisão da sociedade entre homens e mulheres, operando, sobretudo, em uma lógica binária e cisgênera, além de negligenciar o caráter regulatório desse marcador.

Compreender as (im)possíveis articulações do conceito de gênero e velhice nas pesquisas que foram/são desenvolvidas se constitui para nós objetivo que aponta para a compreensão de que o modo como falamos e o que falamos sobre a velhice incide sobre a própria representação e os processos que envolvem o envelhecimento. Somos signatários da ideia de que nos processos de produção discursiva em torno de determinados temas engendram-se processos de subjetivação – práticas que nos movimentam em relação à constituição de modos de vida, modos de nos conduzirmos diante do mundo, efeitos que nos mobilizam a determinadas posições de sujeito, modos como afetamos e somos afetados(as) por isso tudo, incluindo-se o conhecimento – que se produz e que nos produz. As pesquisas desenvolvidas irão compor, inevitavelmente, o corpo de discursos que integram e agenciarão os significados sobre o que é velhice, o que é gênero, o que a articulação desses representa e os sentidos que se organizam em torno deles.

As significações para a velhice e os termos impostos aos processos de envelhecimento constituem uma agonística – disputa –, de modo que não se deve considerar que as produções deste campo (acadêmico/científico) são mais ou menos efetivas do que outras. Pelo contrário, ao propor uma genealogia (FOUCAULT, 1984) da velhice, buscamos entender as emergências em torno da produção de uma questão a ser pensada e como ela se constitui como algo passível de governo.

Compreendemos que as produções acadêmicas sobre gênero e velhice são modos de pesquisar, logo, modos de subjetivar. Esse é um modo de tomar de Foucault suas ferramentas, pois o filósofo francês, como apontado por Candiotti (2008, p. 89) “procura saber quais são os efeitos de subjetivação a partir da própria existência de discursos que pretendem dizer uma verdade para o sujeito” e isso implica em uma ação que modifica e/ou tensiona os modos e as (dis)posições de sujeito no jogo da produção do conhecimento.

A metodologia utilizada neste estudo foi especialmente a pesquisa e análise bibliográfica a partir de uma revisão integrativa da literatura, “[...] ferramenta importante na síntese das pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática

fundamentada em conhecimento científico, ou seja, para a prática baseada na evidência". (SOUSA et al., 2017, p. 21) Inicialmente, realizamos levantamentos em duas plataformas científicas: Scielo e Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), utilizando as palavras-chave "envelhecimento + gênero" e "velhice + gênero". Os filtros utilizados foram: trabalhos em língua portuguesa, sobre contexto brasileiro, que fossem artigos referentes a relatórios de pesquisa ou artigos de revisão. Essa busca resultou em 248 trabalhos, com as primeiras palavras-chave – envelhecimento e gênero –, e 101 artigos tendo velhice e gênero como palavras-chave, resultando em um total de 349 trabalhos. Em uma primeira análise identificamos 170 artigos que se repetiam, na mesma busca ou em mais de uma, e dessa forma o total encontrado foi de 179 artigos. Desses, nove foram descartados na primeira análise, pois não estavam relacionados aos temas propostos, sendo de áreas como botânica ou de literatura, em que gênero se referia a alguma classificação biológica ou literária, ou eram referentes a outro país como Portugal. Assim, ficamos com um total de 170 artigos.

As buscas foram realizadas entre o mês de maio e outubro de 2020. Após a análise dos resumos, selecionamos 79 artigos compatíveis com nossos objetivos para leitura completa e minuciosa. Essa seleção buscou identificar quais deles utilizavam o conceito de gênero como categoria de análise.

O número de artigos não selecionados (91) por incompatibilidade com os objetivos representa aqueles que não se referem a gênero como um elemento de problematização, sendo um recorte estatístico que, apesar de apresentar dados interessantes, não são analisados a partir de perspectivas dos estudos de gênero.

Como estratégia de leitura, organizamos os artigos selecionados em palavras-chave, criando categorias de análise: mulheres/feminilidades, homens/masculinidades, saúde, Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT), sexualidade, questões sociais e educação. Essa sistematização permitiu encontrar alguns pontos em comum que propiciaram análises mais relacionadas, não isolando os artigos uns dos outros. Efeito de tal procedimento, alguns dados acabaram por trazer outros elementos para pensar as temáticas ou reforçar algumas impressões anteriores. Percebemos, por exemplo, que a categoria com mais trabalhos (47) é a de saúde. Encontramos indicadores que possibilitam demarcar como a saúde é um

atravessamento importante ao se pensar velhice, especialmente pela forte articulação com o corpo.

A velhice está atrelada a marcadores biológicos, em estratégias biopolíticas, que se debruçam sobre o corpo humano como forma de medir, conhecer, explicar, esmiuçar os elementos daquilo que chamamos vida – a gestão da vida. (FOUCAULT 2005; LEMKE, 2018) Assim, não há como pensar a velhice fora da ideia de saúde, pois ela é representada como um problema ou uma questão neste âmbito da vida.

Outro curioso dado do levantamento é o baixo número de artigos (6) sobre velhice, envelhecimento e gênero direcionados a pensar a sexualidade de sujeitos idosos/as. Isso parece corroborar com outras pesquisas que apontam como a sexualidade é uma faceta da vida ignorada neste ciclo.

Dessa forma, este artigo apresenta-se como uma revisão crítica da literatura, caracterizando-se também como entrada chave para uma análise do discurso. Com isso buscamos compreender de que forma os discursos sobre determinado tema – aqui especialmente a articulação entre envelhecimento, velhice e gênero – são construídos, a partir dos ditos e não ditos. Segundo Foucault (1988, p. 30),

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discríção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

A análise do discurso aqui empreendida pretende compreender quais representações, explicações, justificativas, problemas, soluções, informações e dados sobre velhice são produzidos academicamente a partir da articulação com gênero (considerando-se as perspectivas de abordagem desse marcador), e de que maneira essa articulação tem sido construída.

Localizamos nossos esforços metodológicos como parte integrante de uma genealogia da velhice, no sentido de produzir, como Foucault (1984, p. 13) nos provoca: uma “história da verdade”. Uma história que busca analisar os “jogos de verdade através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência”; colocar sob análise os jogos de verdade pelos quais se olha para si e para

o mundo. De certa forma, é, parafraseando o autor, perguntar: através de quais jogos de verdade o ser humano se reconhece como sujeito – na intersecção com determinados marcadores e, em especial, o geracional?

A pesquisa, da qual o presente artigo participa, se debruça sobre a produção do envelhecimento em articulação com os marcadores de gênero e sexualidade na educação e(m) saúde, buscando desenvolver uma genealogia em torno das articulações sociais e políticas entre velhice e gênero. Desse modo, o artigo em tela contribui para o panorama geral da pesquisa na medida em que: a) possibilita uma aproximação maior dos autores com o campo de pesquisa estudado; b) propicia maior levantamento de dados, a partir de pesquisas já desenvolvidas; c) permite utilizar os conceitos supracitados em análises sobre resultados e realidades apontadas pelo campo teórico e empírico e; d) busca destacar como a velhice em suas intersecções com gênero e sexualidade são colocadas em discurso a partir da produção do conhecimento científico e os riscos, limites e possibilidades dessa incidência na produção de subjetividades.

Gênero como marcador estatístico

Optamos por iniciar apresentando algumas provocações que o movimento de seleção dos artigos nos permitiu tecer, levando em consideração os artigos descartados por não utilizar o conceito de gênero como forma de análise, apresentando dados que indicam a relevância do gênero. Ou seja, há alguma consideração da pertinência e/ou importância do conceito, ainda que como categoria estatística, quantitativa, pouco analítica.

Esses artigos estão localizados em campos que pretendem apontar maior ou menor ocorrência de algum elemento patológico em um dos gêneros, ou demarcar maior ou menor incidência de determinado efeito social, como suicídio e depressão, em homens ou mulheres.

Ao focar nos sujeitos como população, que possui algumas características similares, como maior incidência de determinada doença, os estudos engrossam o caldo de discursos cisnormativos e binários, ademais, corroboraram para a trama biopolítica – vinculadas à certa razão que constrói significados sobre o corpo e sobre a vida em geral relacionados à (im)produtividade e à autorresponsabilização

(POCAHY; DORNELLES, 2017), que em nossa sociedade parecem ser rigidizados por uma racionalidade neoliberal.

A maioria desses estudos utiliza o marcador junto a outros, como classe, escolaridade, nível econômico, local de moradia, contudo não apresentam análise aprofundada sobre os motivos, razões e consequências de haver discrepâncias em relação a homens e mulheres, isentando-se por vezes de análises sociais, políticas, econômicas e históricas. Gênero, dessa forma, seria apenas uma característica de onde se parte para organizar dados.

Parte significativa dos trabalhos foca suas análises em dados sobre médias, apresentando resultados que, ao não serem analisados criticamente, acabam por apresentar informações que podem reforçar uma concepção biológica de gênero. É o caso do estudo realizado por Rodrigues e outros autores (2015), que apresenta análises da avaliação funcional multidimensional em idosos. Ao apresentar os dados, os(as) autores(as) nos dizem que

A diferença entre sexos poderá decorrer da capacidade para desempenhar atividades diferentes. Enquanto os homens têm maior capacidade, por exemplo, para usar o telefone e administrar o dinheiro, as mulheres apresentam maior capacidade para preparar as refeições. (RODRIGUES et al., 2015, p. 72)

Podemos perceber que os dados, ao serem apresentados dessa maneira, reforçam uma não aptidão de homens em tarefas domésticas, ao contrário de mulheres que teriam naturalmente mais capacidade para preparar refeições. O estudo apresenta uma realidade que é produzida em meio a representações de gênero, que fomentam determinados modos de ser e existir para os sujeitos com base em normas e representações de feminilidade e masculinidade. E, ao lançar mão do termo “gênero” apenas como sinônimo a “sexo” (como inclusive a citação evidencia), reifica normas e representações.

Componentes da construção de um discurso biopolítico produzem certos saberes sobre o corpo-população. Ao mesmo tempo, tais discursos não habitam e produzem apenas as instituições, eles produzem os próprios sujeitos, os modos de viver e interpretar as experiências, moldando os corpos a partir de metodologias disciplinares. Portanto, são modos de subjetivar.

Outra evidência foi encontrada no artigo “Capacidade funcional de idosos institucionalizados com e sem doença de Alzheimer” (FERREIRA et al., 2014), identificando a maioria de mulheres idosas internadas em instituições públicas de longa permanência. A única possibilidade levantada para justificar esse dado é o processo de feminização da velhice, desconsiderando que o conceito de gênero problematiza a produção deste dado. Por que mulheres idosas são a maioria nessas instituições de cuidado? Ao não lançar possibilidades de resposta para essa pergunta, o estudo pode produzir o discurso de que mulheres, mais do que homens, tornam-se dependentes na fase idosa por questões puramente biológicas.

Quando os estudos apresentam seus dados como representação de uma realidade, podem colaborar para reforçar estereótipos e percepções que (re)produzem gênero e (re)constroem esses significados. De acordo com Mendonça (2008, p. 98), quando os contextos e diferentes fatores sociais e históricos não são levados em consideração, “as mulheres implicadas nestas condições podem ter suas queixas socialmente consideradas desvinculadas das condições produzidas pelo trabalho e pela vida e consideradas como naturais de sua condição de mulher”.

Um exemplo que apresenta outra abordagem a partir do campo da saúde, com alguma análise sócio-histórica às disparidades de gênero, pode ser encontrado em “Função executiva em idosos: um estudo utilizando subtestes da Escala WAIS-III” (BANHATO; NASCIMENTO, 2007), que aponta diferenças em habilidades entre homens idosos e mulheres idosas, como aquelas que explicam, segundo esses parâmetros, as habilidades abstratas e visuoespaciais dos homens em relação ao menor desempenho das mulheres em relação a atividades relacionadas. O que se explicaria por influência de contextos marcados por estereótipos de gênero. As autoras apresentam questionamento que leva em consideração a capacidade crítica do conceito de gênero, indicando preocupação em não essencializar as diferenças entre homens e mulheres que se apresentam em pesquisas quantitativas.

Gênero como categoria de análise

Após a fase de pré-análise, selecionamos por fim os artigos que utilizam, em nosso modo de compreensão, o conceito de gênero como categoria de análise. Esses estão, em sua maioria, debruçados

sobre as desigualdades entre homens e mulheres cisgêneras(os). Tais artigos utilizam a base teórica dos estudos de gênero para produzir análises críticas sobre as relações sociais, históricas e políticas que fomentam tais desigualdades, que produzem situações de vulnerabilidade ora para mulheres ora para homens, mas em especial sobre mulheres. No entanto, são raros os casos que utilizam o conceito de gênero para questionar a produção binária – masculino e feminino –, ou mesmo estudos que incluam orientação sexual e identidade de gênero.

Interessante perceber como gênero torna-se um analisador que aponta outras camadas da produção do envelhecimento nas sociedades aderentes à racionalidade neoliberal, notadamente, a partir da interpelação à responsabilidade individual sobre o corpo-vida e ao desenvolvimento de um ideário de longevidade produtiva, como passamos a perceber na sociedade brasileira. Coelho e outros autores (2016), em seu artigo sobre masculinidade e o cuidado em saúde, discutem sobre como a lógica da produtividade capitalista atravessa a percepção de homens idosos sobre seu próprio corpo, sua própria existência.

Em uma lógica produtivista, na qual ser capaz de trabalhar é sinônimo de uma vida saudável (com capacidades/forças), esses corpos são considerados inúteis, “[...] gerando a desvalorização daqueles que não estão aptos ao trabalho”. (COELHO et al., 2016, p. 413) Nos argumentos dos idosos entrevistados no referido estudo, é nítida a forma como o fato de não poder se dedicar ao trabalho, nos mesmos formatos da juventude, faz com que esses sujeitos olhem para si e interpretem suas experiências a partir de um viés de vida útil.

As concepções de envelhecimento ativo se articulam às perspectivas de uma razão político-econômica, produzindo lógicas (culturas) de compreensão dos corpos idosos onde a incapacidade laboral torna-se fator de desvalorização de idosos(as) e pessoas incapacitadas ao trabalho. Como nos diz Mendonça (2008, p. 97), “a velhice, quando não adaptada às exigências sociais disciplinares, é vista como estorvo de um suposto progresso capitalista, como ameaça à capacidade produtiva do indivíduo pelas exigências de comportamentos e movimentos padronizados”.

O destaque feito pelo conceito de gênero faz emergir o impacto dessas produções neoliberais em homens idosos, visto que essas produções analisadas localizam no masculino uma necessidade de

rentabilidade e de provimento, ao longo da vida. A frustração diante da incapacidade de produzir promove certas formas de interpretar os sujeitos, fomentando inclusive os olhares desses homens idosos sobre si próprios, e como se enxergam na sociedade; quando confrontados sobre os desafios da velhice, os homens entrevistados deram maior ênfase ao medo de se tornarem incapazes, passando a depender de outras pessoas, mais do que o receio com a morte. Como nos diz Camarano e Carvalho (2015, p. 2758),

A entrada no mercado de trabalho é um dos eventos que marca o início da vida adulta para os homens e, da mesma forma, a sua saída dele, via aposentadoria, é o que caracteriza a entrada na última fase da vida ou a velhice.

Rohden (2011), em artigo dedicado a analisar a construção do distúrbio androgênico (ou andropausa), aponta também tramas ligadas ao envelhecimento de homens no que diz respeito a performances sexuais. Nesse estudo, a autora observa que a experiência do envelhecimento é compreendida por profissionais do campo da saúde em uma lógica funcional/disfuncional. Aqui, o campo da saúde, no desenvolvimento de novas drogas e até mesmo de novas doenças, “[...] caminha lado a lado com a promoção de modelos de comportamento centrados na valorização do corpo jovem, saudável e sexualmente ativo”. (ROHDEN, 2011, p. 163)”

Luizaga e Gotlieb (2013) apontaram em investigação que realizou levantamento de mortes entre 1979 a 2007, que o número de homens na sociedade é maior até os 24 anos. Porém, essa realidade vai se alterando até culminar em maior número de mulheres na fase idosa. Borges e Seidl (2012) apresentam também dados, com base nas informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2008 e 2010, que apresentam diferença significativa na expectativa média de vida entre homens e mulheres, indicando que eles vivem cerca de sete anos a menos do que elas. As autoras ainda afirmam, com o suporte de Braz (2005), que “os comportamentos masculinos permeados pela questão de gênero representam tanto modos de vida como modos de adoecer e de morrer”. (BORGES; SEIDL, 2012, p. 69)

Figueiredo e outros autores (2007), em pesquisa realizada com 20 idosas/os (10 mulheres e 10 homens), identificaram que homens vivenciam um processo de baixa autoestima ao envelhecerem, o que coincide com aposentadoria ou retirada compulsória do campo

de trabalho. Em contraponto, a pesquisa identifica os sentimentos de autonomia e liberdade por parte das mulheres idosas. Logo, é também interessante pensar sobre como as representações sobre o envelhecimento possibilitam formas de olhar para si e para as(os) outras(os).

De acordo com Fernandes (2009), o envelhecimento pode acarretar perda de atributos que definem a masculinidade, fazendo com que esses sujeitos enfrentem a difícil tarefa de refazer sua imagem no mundo, compreenderem de outras formas seus corpos, sexualidades, formas de se relacionar com mulheres etc.

Nesse sentido, as relações de gênero não apenas são reproduzidas ou se aprofundam na velhice, mas são de fato reconfiguradas a partir de outros discursos sobre masculinidade e feminilidade e outros modos de experimentar o tempo e de viver as relações sociais.

Alvarenga e Meyer (2018) apontam que o envelhecimento está, para algumas mulheres cisgênero, associado à liberdade, especialmente em relação à viuvez ou outras reconfigurações conjugais. A viuvez configurar-se-ia como uma fase na qual essas mulheres precisam desenvolver outras aprendizagens, tendo como campo (in)definido pela “[...] independência, para, entre outras possibilidades, cuidar do corpo e viver sua sexualidade e afetividade das formas mais ativas possíveis”. (ALVARENGA; MEYER, 2018, p. 46)

Por outro lado, na experiência de mulheres há um marcador que se alastra por toda a vida, incluindo a fase idosa: o cuidado. Fernandes (2009) afirma a compulsoriedade nas práticas de cuidado, fundamentadas em argumentos que fixam esta experiência em uma dimensão de natureza, como algo próprio às mulheres. A autora identifica que as mulheres cis heterossexuais cuidam das(os) filhas(os) na juventude e fase adulta e idosas permanecem com essa função sendo cuidadora de parentes e/ou companheiros. Tal característica social reforça esse vínculo maior da mulher com o espaço privado.

Os discursos que articulam significados ao gênero ao longo da vida não cessam no envelhecer: as experiências dos sujeitos são redefinidas a partir da relação com esse marcador. O que as pesquisas mostram é que essa reconfiguração se dá no aprofundamento de uma relação de desigualdade.

As mulheres idosas, conforme nos mostram Areosa e Bulla (2010), não se livram das expectativas em relação ao cuidado da família e da casa, próprias da produção histórica e social da

feminilidade. No entanto, com o fenômeno da intergeracionalidade, o papel dessa mulher torna-se ainda mais custoso, na medida em que ela precisa cuidar de outros atores parentais, como netas(os), ocorrendo a acúmulo de funções e responsabilidades assumidas.

De alguma maneira, os atravessamentos geracionais, como a velhice, produzem outras costuras, outros nós e outros bordados, nas tramas de gênero e sexualidade. (POCAHY, 2012a) As categorias que operamos como o gênero, sexualidade, geração, raça, ou qualquer outra maneira identitária de compreender e descrever os sujeitos e suas experiências só fazem sentido se analisados em uma ótica que inscreve um marcador em outro – isto é, numa perspectiva interseccional, considerando-se a articulação entre marcadores da diferença e condições histórico, políticas e econômicas que definem determinadas (dis)posições de sujeito e subjetivação.

Além disso, podemos dialogar com Alvarenga e Meyer (2018) quando destacam o trabalho pedagógico que incide sobre as relações de gênero e sexualidade ao longo da vida, indicando que por não se constituírem como dados de natureza, não estariam garantidos os termos desses marcadores, sendo necessário muitas e continuadas práticas para a sua fixação.

Isso nos permite compreender que as normas e os ideais regulatórios em torno de gênero e sexualidade poderão ser contestados, porém novos arranjos de poder e jogos de verdade poderão emergir com o objetivo de fixar a diferença e governá-la. (POCAHY, 2012a) Pensar o envelhecimento articulado às problematizações de gênero precisa estar atrelado a uma analítica dos discursos, mais do que numa localização de experiências como normativas ou não.

Sexualidade

Parcela significativa das pesquisas aborda, como já dito, gênero em uma perspectiva binária e cis-heteronormativa. São poucos os trabalhos que se propõem a pensar tal marcador para além do binarismo homem/mulher cisgêneros/(as) e heterossexuais. A representação da velhice, dos sujeitos idosos, tem sido construída com base nas normativas de gênero e sexualidade desconsiderando a existência de vida fora do escopo (cis-hetero)normativo.

Brigeiro e Maksud (2009), em artigo sobre o surgimento do Viagra e suas representações, identificam que de 138 matérias pesquisadas, apenas uma faz menção à homossexualidade, e ainda

assim referente à prática de sexo anal, e de maneira jocosa. Ademais, os estudos tendem a abordar como os sujeitos idosos, em especial homens idosos, reforçam percepções de gênero ligadas à masculinidade, como força, virilidade, independência.

Araújo e Carlos (2018), em seu artigo sobre a sexualidade na população LGBT idosa, nos falam sobre a produção do corpo em nossa sociedade. Se por um lado temos a valorização do corpo jovem, ativo e sexualizado, por outro temos a produção do corpo idoso como “em degradação”. Dessa forma, a chegada da velhice traz para esses sujeitos uma série de significações negativas, que envolvem a percepção de perda; as significações sobre o corpo idoso o tornam aquele que está em constante esvaziamento, seja de autonomia, de sexualidade, de força, de disposição. (ARAÚJO; CARLOS, 2018, p. 222)

Essas são as percepções sobre velhice apontadas pelo artigo de Carlos, Santos e Araújo (2018). Em pesquisa com graduandos/as de pedagogia, direito e psicologia, a pesquisadora e os pesquisadores perceberam que a patologização dos sujeitos LGBT parece se aprofundar articuladas com a velhice. A interpretação da velhice como momento de solidão, por exemplo, se torna ainda mais radical quando os entrevistados e as entrevistadas pensaram no/a idoso/a homossexual e/ou trans*: a noção de velhice LGBT com perda de sentido da vida é latente na visão dos/as estudantes que participaram da pesquisa.

Pocahy e Dornelles (2017) realizam uma cartografia sobre a pesquisa e intervenção social com foco em sujeitos LGBT na articulação gênero, sexualidade e envelhecimento. As análises apresentadas ressaltam o aumento na produção discursiva sobre essas temáticas a partir do início do século XXI. No entanto, conforme demonstram (POCAHY; DORNELLES, 2017), os trabalhos são desenvolvidos majoritariamente sobre homens gays e fortemente dirigidas às práticas sexuais e erotismo e menos propensas ao debate sobre suas interseções nos jogos das políticas públicas e direitos, ainda que percebamos mais recentemente a incidência de debates sobre diversidade sexual e envelhecimento em algumas instâncias sociais.

As produções sociais e históricas que nos atravessam e nos nomeiam inscrevem-nos em certas formas de compreensão de sujeito, sem dúvida se costumam de modos singulares em nossas experiências. Logo, não se trata de marcar as significações produzidas

sobre o corpo idoso como determinadoras de uma forma de existir. Muitos dos trabalhos selecionados preocupam-se em apresentar análises que trazem à tona as percepções que se produzem em torno da velhice, do corpo de sujeitos com mais de 60 anos e são importantes na medida em que nos fazem olhar para a realidade e questioná-la, tensionando as margens da (a)normalidade.

No entanto, outros resultados nos mostram como os sujeitos ressignificam suas experiências como idosos/(as), reconfigurando os sentidos dados aos seus corpos, em meio a abjeções e desejos. É o caso de dois artigos de PocaHy (2012a, 2012b), nos quais o autor busca investigar “[...] como determinados sujeitos, a partir de determinadas condições de possibilidade, produzem perfurações nas representações que os produzem/exibem/projetam como vidas ‘abjetas’”. (POCAHY, 2012a, p. 367) Nesse trabalho, a experiência de idosos/as passeia pelo campo que denominamos sexualidade dissidentes e produzida em espaços de sociabilidade bastante clandestinos ou percebidos como zonas morais – como saunas, cinemas pornô, casas de prostituição. Por outro lado, tais experiências se produzem também em meio a processos de significação não apenas sobre o que é possível para um corpo velho, mas também que outras significações a própria ideia de sexualidade passa a assumir quando relacionada à velhice.

Debert e Brigeiro (2012) trazem interessante análise sobre a articulação entre saberes da sexologia e da gerontologia na produção de significados sobre a sexualidade na velhice, caracterizando a mudança histórica da (im)possibilidade da sexualidade em corpos idosos. Se até as primeiras décadas do século XX a velhice era considerada fase da vida pós-sexual, hoje é entendida como etapa da vida atravessada pela sexualidade: “uma velhice sexualmente ativa vem se estabelecendo como um ideal defendido por gerontólogos e outros especialistas afins ao tema, e é intensamente propagado pelos meios de comunicação de massa”. (DEBERT; BRIGEIRO, 2012 p. 38)

Nesse processo de mudança, não apenas a ideia de que o corpo idoso pode expressar eroticidade surge, mas a própria ideia de sexualidade também se reconfigura. Os estudos e pesquisas, segundo Debert e Brigeiro (2012), afirmam duas ideias que parecem a princípio contraditórias, mas que cavam caminhos de significação: ao mesmo tempo em que afirmam que a velhice traz impeditivos físicos, apregoam que a sexualidade não se finda nessa fase geracional. Assim, ainda que exista, tal sexualidade não é a mesma de

outras fases da vida. As compreensões sobre prazer sexual deixam de estar genitalizadas para se relacionarem a outros aspectos, segundo os(as) especialistas. Assim, a(o) idosa(o) deveria ampliar seus horizontes, se permitir novas experiências de sexualidade.

Nesse caso a velhice deixa de ser momento da vida de perdas para ser potência para ganhos. Essa mudança ancora-se, especialmente, em dispositivos biopolíticos que demarcam formas outras de compreender a própria vida. Assim, a explosão discursiva sobre a sexualidade na velhice marca a constituição desse elemento como um dispositivo histórico. (FOUCAULT, 2000) Não apenas a velhice emerge como questão a ser pensada, mas os diversos mecanismos que circundam a experiência da vida em nossa sociedade também se singularizam a partir de sua relação com a velhice. Essa profusão de saberes ressignifica a sexualidade dos/nos corpos idosos, deslocando os tradicionais estereótipos da velhice para aspectos de envelhecimento bem-sucedido, forçando a produção de novas linguagens e modos de vivenciar a interpelação geracional, agenciando estilos de vida pró-ativos e saudáveis. (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 39)

No entanto, é necessário ao mesmo tempo compreender que essa mudança histórica não está descolada de aspectos políticos, econômicos e sociais. Longe de produzirem simplesmente margens de liberdade mais frouxas para que sujeitos idosos vivenciem processos múltiplos de sexualidade, tais novas formas de compreender a longevidade do corpo produzem também significados, por exemplo, de consumo, de doença, e de entendimento do sujeito sobre si mesmo. Uma das estratégias encontradas para levar adiante tal projeto de sexualidade idosa é a de responsabilizar esses sujeitos pelo seu sucesso ou fracasso. Interessante também demarcar que existe uma espécie de inversão das compreensões de gênero nas expectativas sobre sexualidade na velhice. Debert e Brigeiro (2012, p. 38) analisam que para os homens a indicação, a receita, é para que

[...] explorem novas áreas de prazer em seus corpos, uma sexualidade mais complexa e difusa [...] No caso das mulheres, um dos caminhos para manutenção da atividade sexual é o questionamento dos códigos morais mais restritivos que supostamente fundamentaram seu aprendizado da sexualidade.

Não podemos deixar de nos perguntar sobre como esses processos ocorrem. Se ao longo da vida as produções de gênero

produzem significados justamente contrários a essas concepções que a sexualidade na velhice toma, que conflitos e desafios esses sujeitos vão enfrentar para vivenciar ou não essas novas indicações?

A partir de tais análises podemos compreender a velhice como performatividade, seguindo apostas que realizamos anteriormente (POCAHY, 2011, 2012a): como a idade incide sobre os modelos de inteligibilidade social e que modos de gestão da vida se articulam a partir disso. (POCAHY, 2011) Quais são os arranjos performativos que produzem certos modos de pensar-representar a velhice e como isso se articula às possibilidades e modos de ser e estar no mundo?

Gênero, sexualidade, raça, ou qualquer outro marcador de diferença, se articulam com a velhice, produzindo significações específicas, modos de governar próprios, passíveis, inclusive, de transgressão ao longo da vida. Na perspectiva de gênero e sexualidade, como visto, esses sujeitos de alguma maneira são instados a desafiar as significações de masculinidade e feminilidade produzidas durante a vida. No entanto, podemos desconfiar dessa possibilidade para entendê-la não como liberdade, como se a velhice por si só trouxesse maior alargamento das possibilidades de ser, mas como estratégia bioeconômica (ROSE, 2013) de compreensão dos corpos como (im)produtivos, empreendedores, consumidores.

Considerações finais

O levantamento de estudos que apresentamos e as análises desenvolvidas a partir deles demonstram possibilidades de questionamento, deslocamentos que o conceito de gênero (em suas intersecções) provoca. Percebemos como esse conceito tem potencialidade para balançar qualquer resultado que uma estatística pode apresentar. Ainda que se fale sobre aspectos imaginados como estritamente biológicos, como patologias, se olharmos os resultados estatísticos a partir das lentes que o gênero nos propicia, teremos muitas perguntas a levantar. O que produz estes resultados e não outros? Como estes resultados estão entrelaçados nas redes de produção de saber-poder das realidades que dizem representar?

Dessa forma, nos colocamos ao lado de outras(os) pesquisadoras(es) que defendem o conceito de gênero como fundamental para desafiar as realidades e fazer algumas perguntas, considerar algumas perspectivas ou produzir algumas possibilidades

(1) Este estudo corresponde a pesquisa de doutoramento do primeiro autor, intitulada Gênero, sexualidade e envelhecimento: (des)articulações na educação e/m saúde, apoiada com bolsa de pesquisa CAPES, e vinculada ao projeto de pesquisa do segundo autor e intitulado Gênero, sexualidade e envelhecimento: problematizações interseccionais sobre a produção e o (auto) governo da diferença nas práticas da educação e/m saúde, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

de análise que antes ou ocupavam lugar periférico ou sequer apareciam.

Nosso principal objetivo neste artigo é o de compreender, ou mapear, como a articulação gênero-velhice-envelhecimento tem sido costurada no campo de produção de saber acadêmico-científico. Conforme argumentamos, a produção que articula estes conceitos parece estar mais presente nos estudos sobre saúde, e apontamos que o gênero e a sexualidade se articulam na produção da velhice em determinadas situações de forma particular – do tipo, diferente da juventude, das infâncias –, produzindo sentidos distintos sobre sujeitos a partir dos 60 anos. Além disso, percebemos que a utilização do termo “gênero” aparece em alguns estudos como mero marcador identitário de diferença sexual, especialmente nos estudos dedicados a apresentar a incidência de patologias em coortes específicas; em outros estudos, gênero vem acompanhado de algum potencial crítico, principalmente quando colocado ao lado de outras categorias sociais como escolarização, classe social etc. Em outros estudos ainda, gênero é trabalhado como modo de compreender a produção de experiências, a construção de significados sobre o corpo, sobre o sujeito e sobre a vida.

Destacamos que a articulação geração-gênero corresponde a movimentos de produção de diferença, modos de entender a velhice, o corpo e a vida longa. As análises aqui apresentadas contribuem para que os olhares analíticos sobre a/para a velhice e para os processos de envelhecimento considerem as problemáticas de gênero, bem como aqueles que pensam esse marcador da diferença considerem a geração e a idade como tensionamento necessário.

O caráter produtivo das elaborações acadêmicas, que participam da construção de significados acerca da velhice, em especial aqui com sua articulação com gênero, merece ser evidenciado. Marcamos que os modos de pesquisar são modos de subjetivar, na medida em que os discursos compõem tessituras em torno do que envelhecer e ser uma pessoa idosa.

As condições desse terreno de investigação em curso¹, bem como as ferramentas que lançamos mão e produzimos até aqui a partir da leitura de outros estudos e pesquisas, configuram nossas expectativas sobre os (im)possíveis modos de representar e produzir a velhice, com efeitos inesperados e abertos, pois são efeitos de disputas informadas por traços de culturas particulares e racionalidade político-econômicas e transformações tecnológicas

e desafios ético-epistemológicos e metodológicos na produção do conhecimento.

Aging, gender and sexuality: ways of searching, ways of subjectivation

Abstract: The purpose of this article is to review and analyze part of the bibliography that articulates aging, old age and gender, and more broadly, includes in its analysis studies on modes of subjectivation and old age. The methodology used was the survey of articles on the platforms Scielo and CAPES Periodical Portal, based on the keywords “aging, gender” and “old age, gender”, organization of articles located in categories, and subsequent reading and critical analysis of them. Among the evidence found, we highlight articles that use gender as a category of analysis of the plots of aging, and that point out ways for biopolitical and intersectional perspectives development. These studies, from the generation markers interlacement, here specifically the elderly phase, and gender performativities engendered in/ with/ by the subjects, indicate that the ways of researching aging are configured as modes of subjectivation, producing certain meanings and senses about the body, especially the elderly one.

Keywords: aging; gender; sexuality; subjectivation.

Envejecimiento, género y sexualidad: modos de investigación, modos de subjetivar

Resumen: El presente artículo revisa y analiza parte de la bibliografía que articula envejecimiento, vejez y género, y de forma más amplia, incluye en sus análisis estudios sobre modos de subjetivación y vejez. La metodología utilizada fue el levantamiento de artículos en las plataformas Scielo y Portal de Revistas Capes, a partir de las palabras clave “envejecimiento, género” y “vejez, género”, organización de los artículos ubicados en categorías, y posterior lectura y análisis crítico de los mismos. Entre las evidencias encontradas destacamos artículos que utilizan género como categoría de análisis de las tramas del envejecimiento y que apuntan caminos para el desarrollo de perspectivas biopolíticas e interseccionales. Esos estudios, a partir del entrelazamiento de los marcadores de generación, aquí en específico la fase anciana, y performatividades de género engendradas en los/con/por los sujetos, indican que los modos de investigar el envejecimiento se configuran como modos de subjetivación, produciendo ciertos significados y sentidos sobre el cuerpo, en especial anciano.

Palabras clave: envejecimiento; género; sexualidade; subjetivación.

Referências

ALVARENGA, L. F. C.; MEYER, D. E. “Depois que o marido vai, a liberdade fica”: gênero, cuidado de si e a arte de envelhecer. In: POCAHY, F.; CARVALHO, F. S. P.; COUTO JUNIOR, D. R. (org.). *Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde*. 1. ed. Aracajú: EDUNIT, 2018. v. 1. p. 37-62.

- ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 218-237, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26864/pcs.v8.n1.10>. Acesso em: 01 jun. 2020.
- AREOSA, V. C.; BULLA, L. C. O envelhecimento humano e as novas configurações familiares: o idoso como provedor. *PSICOLOGIA*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 161-171, 2010.
- BANHATO, E. F. C.; NASCIMENTO, E. Função executiva em idosos: um estudo utilizando subtestes da Escala WAIS-III. *PsicoUSF*, Itatiba, v. 12, n. 1, p. 65-73, jun. 2007.
- BARALDI, G. S.; ALMEIDA, L. C.; BORGES, A. C. C. Evolução da perda auditiva no decorrer do envelhecimento. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, São Paulo, v. 73, n. 1, p. 64-70, fev. 2007.
- BORGES, L. M.; SEIDL, E. M. F. Percepções e comportamentos de cuidados com a saúde entre homens idosos. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 66-81, 2012.
- BRAZ, M. A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 97-104, mar. 2015.
- BRIGEIRO, M.; MAKSUD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 71-88, abr. 2009.
- BRUNET, A. E. et al. Práticas sociais e significados do envelhecimento para mulheres idosas. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 99-109, jul. 2013.
- CAMARANO, A. A.; CARVALHO, D. F. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 2757-2764, set. 2015.
- CANDIOTTO, C. Subjetividade e verdade no último Foucault. *TRANS/Form/AÇÃO: Revista de Filosofia*, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 87-103, 2008.
- CARLOS, K. P.; SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F. Representações Sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia. *Psicogente*, Barranquilla, v. 21, n. 40, p. 297-320, jul./dez. 2018.
- COELHO, J. S.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. O cuidado em saúde na velhice: a visão do homem. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 408-421, jun. 2016.
- DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [S.l.], v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.

- DEBERT, G.; DOLL, J. Entrevista com Guita Debert. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 7, p. 101-116, 2005.
- FERNANDES, M. G. M. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705-710, out. 2009.
- FERREIRA, L. L. et al. Capacidade funcional de idosos institucionalizados com e sem doença de Alzheimer. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 567-573, set. 2014.
- FIGUEIREDO, M. L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, ago. 2007.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000. p. 243-276.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 1988. (História da sexualidade, 1)
- LEMKE, T. *Biopolítica: críticas, debates, perspectivas*. São Paulo: Editora Politéia, 2018.
- LUIZAGA, C. T. M.; GOTLIEB, S. L. D. Mortalidade masculina em três capitais brasileiras, 1979 a 2007. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 87-99, mar. 2013.
- MENDONÇA, R. T. et al. Medicalização de mulheres idosas e interação com consumo de calmantes. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 95-106, jun. 2008.
- NOVAES, E. D. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da História. *História e Cultura*, Franca, v. 4, n. 3, p. 50-66, dez. 2015.
- POCAHY, F. A. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 357-376, ago. 2012a.
- POCAHY, F. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. *Revista Polis e Psique*, v. 1, n. 3, p. 195-211, 2011b
- POCAHY, F. A. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 122-154, ago. 2012b.
- POCAHY, F. A.; DORNELLES, P. G. Gênero, sexualidade e envelhecimento: mapeando a pesquisa e a intervenção social LGBT no Brasil. *Journal of Studies on Citizenship and Sustainability*, [S.l.], n. 2, p. 124-138, 2017.

RODRIGUES, R. M. C. et al. Os muito idosos: avaliação funcional multidimensional. *Revista de Enfermagem Referência*, [S.l.], s. IV, n. 5, p. 65-74, abr./jun. 2015.

ROHDEN, F. "O homem é mesmo a sua testosterona": promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 161-196, jun. 2011.

ROSE, N. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2013.

SOUSA, L. et al. Metodologia de Revisão Integrativa da Literatura em Enfermagem. *Revista Investigação Enfermagem*, [S.l.], s. 2, n. 21, p. 17-26, nov. 2017.

VOLPINI, M. M.; FRANGELLA, V. S. Avaliação nutricional de idosos institucionalizados. *Einstein*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 32-40, mar. 2013.

Submetido em 29/07/2021

Aceito em 31/01/2022